

Os problemas que mais preocupam Brasília

Os principais problemas enfrentados pela capital da República residem nos setores de habitação, transportes e saúde. O custo de vida é bastante significativo em relação ao das principais capitais do país, e os salários pagos nos setores mais expressivos de absorção de mão-de-obra, como o da construção civil, são em geral baixos. Além disso, a questão do menor abandonado, como nas grandes cidades, já constitui problema dos mais graves, sendo motivo de preocupações das autoridades. Esses os principais tópicos de uma análise sobre Brasília feita pela revista oficial da Secretaria de Planejamento da Presidência da República Planejamento e Desenvolvimento (P e D), intitulada: "Brasília, uma cidade com seus problemas, mas um modelo de criação".

Segundo a análise de "P e D" o problema habitacional da cidade é considerado sério, e exemplifica que no Plano Piloto, um modesto apartamento custa, por mês, cerca de Cr\$ 2 mil, enquanto nas cidades-satélites, barracos são alugados a Cr\$ 600,00 e modestas casas a Cr\$ 1.500,00.

INVASÕES

Este quadro, segundo a revista, foi o responsável, durante longo tempo, pelo surgimento das chamadas "invasões", agrupamentos semelhantes às favelas dos grandes centros do país. Elas, além de acumular problemas de ordem sanitária, se transformaram em pólos da marginalismo, que estão sendo atacados pelo Governo.

Invasões como a Vila do IAPI, Vila Tenório, Morro do Urubu, e Vila Planalto, tornaram-se as mais famosas, e o Governo do Distrito Federal entendeu tratar-se de um mal que teria de ser eliminado a curto prazo. Assim, criou um Centro de Erradicação de Invasões (CEI), ligado à Secretaria de Serviço Social, isto por volta de 1970. As invasões não dispunham de ruas organizadas e eram assentadas em terreno acidentado, o que impossibilitava qualquer trabalho de instalação de rede de água, esgoto, luz e urbanização em geral. Assim, delimitou-se uma grande área plana dividida em lotes dispostos de tal maneira a formar quadras ao longo de várias vias de acesso.

Nesse grande espaço reservaram-se áreas para escolas, postos de saúde, centro de atendimento para menores abandonados e delegacia de polícia. Pensava-se, então, na instalação de redes de água, luz e esgoto a longo prazo. A instalação da luz, pelo menos nos barracos, foi feita em menos de um ano, e no momento a Ceilândia não possui rede de esgotos, e o tonel de água chega a custar em certas ocasiões até Cr\$ 10,00. Criou-se, assim, prossegue "P e D" - como se diz na imprensa local, uma "favela geometricamente organizada", sendo que as autoridades estão atentas ao problema, e o Ministério do Interior há pouco anunciou um programa prevendo, naquele núcleo habitacional, a construção de mais de três mil casas.

Com a construção da Ceilândia extinguiram-se as invasões do IAPI, Morro do Urubu e Vila Tenório, que ficavam situadas nas proximidades da mais antiga cidade-satélite - o Núcleo Bandeirante, ou "Cidade Livre", que teve seu comércio esvaziado com a retirada dessas invasões. As outras foram aos poucos sendo atacadas pela CEI, e hoje restam apenas a Vila Planalto, já quase extinta, e a do Paranoá, esta ainda intocável. O fator negativo das erradicações tem sido o crescimento rápido da Ceilândia, resultando, naquele núcleo habitacional ligado à principal cidade-satélite - Taguatinga - um aumento do marginalismo.

TRANSPORTE

A revista oficial da Secretaria de Planejamento da Presidência da República diz que Brasília é uma cidade rodoviária, e a sensação do morador é de que está longe de tudo. Quem quiser, por exemplo, sair de uma superquadra para ir ao cinema, terá, fatalmente, que usar o carro. Os ônibus são raros e é normal a espera de 40 minutos em qualquer ponto de ônibus da cidade. Nos fins-de-semana, a situação se agrava, uma vez que as empresas retiram muitos ônibus das linhas. É por isso que é do consenso público a necessidade de um carro próprio, e atualmente trafegam pelas ruas da cidade cerca de 100 mil automóveis de passeio emplacados no DF. Durante o ano de 1974, o Detran emitiu 9.491 carteiras de motoristas, sendo 5.846 da categoria amador e 3.645 da categoria profissional, e foram feitas 5.762 averbações de carteiras de motoristas procedentes de outros estados. As tarifas cobradas pelos ônibus urbanos no DF são das mais altas do país. Um operário que trabalhe no Plano Piloto e more na Ceilândia terá que pagar Cr\$ 2,80 para ir e voltar do trabalho todos os dias, ou seja, Cr\$ 84,00 por mês.

SAÚDE

No Plano Piloto há quatro hospitais particulares e quatro hospitais oficiais, sendo um do Ipase, um das Forças Armadas e dois do Governo do Distrito Federal, os chamados Hospitais Distritais. Nas cidades-satélites há os hospitais distritais do Gama, de Taguatinga, Unidade de Saúde de Sobradinho, hospital mantido pela Universidade de Brasília. Os hospitais oficiais do Distrito Federal, à exceção do Hospital das Forças Armadas estão sempre

congestionados, e o atendimento é considerado pelos próprios médicos como altamente precário, isso devido ao excesso de demanda, uma vez que Brasília representa uma opção para milhares de pessoas das mais diversas regiões do país, à procura de tratamento para os mais diversos males. A unidade de tuberculose do Hospital Distrital do Gama, por exemplo, tem seus 90 leitos ocupados principalmente por pacientes vindos do Nordeste, geralmente em absoluto estado de pobreza.

RODOVIAS

No DF há 1.244 quilômetros de vias pavimentadas e implantadas, um total de 12 estradas-parque, 21 vias regionais e seis rodovias federais, extensão equivalente à distância entre Brasília e Rio de Janeiro. A Capital da República está ligada com as quatro regiões do país através das BRs 020, 040, 060, 070, 080 e 251. Das estradas-parque, a maior delas é a estrada do contorno, com 132 quilômetros de extensão, sendo que o conjunto das estradas-parque equivale a 294 quilômetros de extensão.

ÁGUA

Segundo a análise de "P e D", Brasília é atualmente abastecida por três barragens - a do rio Torto, de Santa Maria e do rio Descoberto. A rede hidrográfica é divergente e, apesar do longo período de estiagem, todos os rios locais são perenes, em virtude da existência de grande lençol de água subterrânea. Os córregos Torto, Bananal, Fundo e Gama, que banham a área urbana de Brasília, formam o rio Paranoá, que, represado, constitui o lago Paranoá, que inundou os terrenos de desnível natural situados abaixo da cota mil. Essa represa, de quase 600 milhões de metros cúbicos, atinge até cinco quilômetros de largura e, em alguns pontos, apresenta profundidade de 30 metros.

Para o abastecimento de água da cidade foi construída a barragem do córrego de Santa Maria, no sistema do rio Torto, com oito quilômetros quadrados e represamento de 8 milhões de metros cúbicos. A barragem do rio Descoberto inunda uma área de 15 quilômetros quadrados de superfície e possui um volume de 140 bilhões de litros de água, numa extensão de 400 metros, 34 de altura e 20 de largura.

Em Brasília a população ressentiu-se ainda de uma baixíssima umidade relativa do ar, que já alcançou até 11 por cento. Este índice foi um dos principais motivadores do projeto de São Bartolomeu, ainda na fase de elaboração. A barragem do rio São Bartolomeu formará um lago pelo represamento das águas deste rio. Desde os córregos Mestre D'Armas e Pipiripau, onde começará o remanso, até as proximidades do córrego da Papuda. Nele desaguará a cachoeira de Sobradinho, do ribeirão do mesmo nome, afluente do São Bartolomeu. Será um lago do tamanho aproximado da baía de Guanabara, com 100 quilômetros quadrados, equivalente a quase três vezes a superfície do Paranoá, e com volume de água de 2,6 bilhões de metros cúbicos, correspondendo a mais de quatro vezes o volume do atual lago. Sua profundidade, ultrapassará, em certos pontos, a marca dos 500 metros, e a barragem, localizada perto da Penitenciária Papuda, terá 1.800 metros de comprimento por 75 de altura.

ELETRICIDADE

A energia requerida pelo sistema elétrico do DF no ano de 1974 alcançou o total de 649.112MWh, superior em 16,2% ao que foi verificado em 1973. Desse total, a participação da geração da própria Companhia de Eletricidade de Brasília foi de 21,7%, correspondente a 140.893MWh. A geração própria foi eminentemente de origem hidráulica (barragem do Paranoá), enquanto a geração térmica foi reduzida em 70 por cento em relação ao ano anterior. Segundo os técnicos da CEB, graças às condições favoráveis do sistema de transmissão de FURNAS para Brasília, a ponta de carga e a geração térmica puderam ser imediatamente substituídas por ponta de carga e energia hidráulica, dentro do regulamento da Eletrobrás. A demanda máxima do sistema verificou-se a 8 de novembro de 1974, alcançando 154 mil KW, contra 134.500KW, valor máximo alcançado em 1973.

A taxa cumulativa média de crescimento da energia requerida nos últimos cinco anos foi de 19,04% e o mercado consumidor cresceu 16,6%. Em 1974 foram ligados ao sistema 13.884 usuários, passando o total para 128.591 usuários. Do total verificado, 12.051 novos usuários foram classificados como residenciais e 1.352 como comerciais. Para uma população estimada de 732 mil habitantes (última estimativa da CEB) em todo o DF, o número de ligações residenciais de 110.470 equivale a uma relação de 6,6 habitantes/usuário.

Em Brasília, um megawatt/hora custa Cr\$ 460,00, o mesmo preço cobrado em quase toda a região Nordeste, interior fluminense, Minas, São Paulo, e Cr\$ 35 por KWh mais caro que no Rio, Cr\$ 20,00 mais barato que a tarifa cobrada no Paraná, e Cr\$ 35,00 mais barato que a tarifa cobrada no Estado de Mato Grosso. Dos projetos elaborados pela CEB, prevendo investimentos de Cr\$ 120 milhões, constam implantação do sistema supervisor para telemedicina, telecoman-

do e telecontrole da rede de distribuição, com operação prevista para o primeiro semestre deste ano; subestações Taguatinga-Transmissão, com 60 mil KVA e Brasília-Norte, com 50 mil KVA e rede subterrânea da Asa Norte do Plano Piloto; iluminação completa das avenidas, eixos e vias secundárias da Asa Norte e expansão da iluminação pública em todas as cidades-satélites. Segundo recente contrato assinado no Rio, a CEB comprará a partir de 1980, 1,6 bilhão de quilowatts/hora da usina de Itaipu.

LAZER

De acordo com a análise de "P e D" o lazer em Brasília resume-se aos clubes equipados com piscinas e equipamento esportivo e aos cinemas. Os principais clubes são Iate, Cota Mil, AABB, Bancrévea, Minas Brasília, Clube de Golfe, Clube do Congresso e Motonáutica. A Universidade de Brasília mantém em pleno funcionamento um Centro Olímpico com piscinas, inclusive para competição de saltos, pistas de corridas para as modalidades de raso, meio-fundo e fundo, campos de futebol e quadras de tênis, vôlei, basquete e futebol de salão, permitindo acesso aos alunos e ex-alunos da Universidade e seus dependentes.

Em Brasília não há um cinema de primeiríssima qualidade. As principais salas são Atlântida, Astor, Karim, Superama, Venâncio e o cine Espacial, este último com três telas simultâneas de projeção, mas que não teve aceitação junto ao público. Destaca-se ainda o cine Drive-In situado no conjunto Desportivo Presidente Médici, onde se localiza o autódromo de Brasília, o Ginásio de Esportes e o estádio Helio Prates da Silveira, ainda inacabado com capacidade para 100 mil pessoas. Defronte a este conjunto, nas proximidades do Palácio do Buriti, situa-se o "Espaço Cultural", do arquiteto Sérgio Bernardes, o mesmo que projetou o mastro da bandeira nos Três Poderes. O objetivo deste espaço cultural é criar um ponto de encontro para estudantes, intelectuais e os interessados em arte em geral. Devido a problemas de arquitetura verificado num reestudo da obra, o atual governo do DF decidiu paralisá-la.